

VICTOR S. GONÇALVES, ed.

Muita gente, poucas antas?

Origens, espaços
e contextos do Megalitismo

Actas do II Colóquio
Internacional sobre
Megalitismo

(Reguengos de Monsaraz, 3 a 7 de Maio de 2000)



TRABALHOS DE ARQUEOLOGIA; 25

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Victor S. Gonçalves
Ana Catarina Sousa
António Marques de Faria

DESIGN GRÁFICO

TVM Designers
capa: forno neolítico de Carraça 1, foto VSG.

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO

Facsimile, Lda.

TIRAGEM

500 exemplares

Depósito Legal

158769/00

ISSN 0871-25

ISBN 972-8662-09-2

Instituto Português de Arqueologia

LISBOA

2003

O Instituto Português de Arqueologia respeita os originais dos textos que lhe são enviados pelos autores, não sendo, assim, responsável pelas opiniões expressas nos mesmos, bem como por eventuais plágios, cópias ou quaisquer outros elementos que de alguma forma possam prejudicar terceiros.

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR Portugal

Apoio do Programa Operacional Ciência,
Tecnologia, Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III



ÍNDICE

INTRODUÇÃO

- Origens, espaços e contextos do Megalitismo 7
■ VICTOR S. GONÇALVES

ANTES DO MEGALITISMO

- O Mesolítico e o Neolítico antigo da costa algarvia 15
■ NUNO BICHO ■ MARY STINER ■ JONH LINDLY ■ C. REID FERRING ■
- A estação do Neolítico antigo de Cabranosa (Sagres).
Contribuição para o estudo da neolitização do Algarve 23
■ JOÃO LUÍS CARDOSO ■ ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO ■
- A transição para o Neolítico na costa sudoeste portuguesa 45
■ JOAQUINA SOARES ■ CARLOS TAVARES DA SILVA ■
- O Neolítico antigo do interior alentejano:
Leituras a partir do sítio da Valada do Mato (Évora) 57
■ MARIANA DINIZ ■
- Comer em Reguengos no Neolítico. As estruturas de combustão
da área 3 de Xarez 12 81
■ VICTOR S. GONÇALVES ■
- O Mesolítico inicial da Estremadura 101
■ ANA CRISTINA ARAÚJO ■
- A ocupação do Neolítico antigo de São Pedro de Canaferrim:
novos dados em perspectiva 115
■ TERESA SIMÕES ■
- O Neolítico antigo no Arrife da Serra d’Aire. Um *case-study*
da neolitização da Média e Alta Estremadura 135
■ ANTÓNIO FAUSTINO CARVALHO ■

Sobre a ocupação do Neolítico inicial no Norte de Portugal 155
■ MARIA DE JESUS SANCHES ■

Les zones de contact Mésolithique/Néolithique dans l'ouest
de la France: définition et implications 181
■ GRÉGOR MARCHAND ■

AS PRÁTICAS FUNERÁRIAS DAS ANTIGAS SOCIEDADES CAMPONESAS

Novos dados sobre o grupo megalítico de Reguengos
de Monsaraz: o limite oriental 199
■ VICTOR S. GONÇALVES ■ ANA CATARINA SOUSA ■

Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo
de Alqueva: antas da Bacia do Degebe 227
■ ANA SOFIA ANTUNES ■ ARTUR MARTINS ■ JORGE VILHENA ■
■ LIDIA VIRZEDA SANZ ■ SUSANA CORREIA ■

Questões por resolver no Megalitismo da Foz do Sever –
o caso do dólmen da Charca Grande de la Regañada 251
■ JORGE DE OLIVEIRA ■

Novos dados sobre o Megalitismo no Norte de Portugal 269
■ EDUARDO JORGE SILVA ■

El Neolítico y el megalitismo en Galicia: problemas
teórico-metodológicos y estado de la cuestión 281
■ RAMÓN FABREGAS VALCARCE ■ XOSÉ IGNACIO VILASECO VÁSQUEZ ■

POVOADOS, MENIRES E RECINTOS MEGALÍTICOS

O Neolítico final no Penedo do Lexim (Mafra):
questões em aberto 305
■ ANA CATARINA SOUSA ■

O monumento megalítico do Monte de Tera (Pavia, Mora),
Sector 2: resultados das últimas escavações 339

■ LEONOR ROCHA ■

Megalitismo, megalitismos: o conjunto neolítico do Tojal
(Montemor-o-Novo) 351

■ MANUEL CALADO ■

Les menhirs d'Armorique: leur place dans la vue
des hommes du Néolithique 371

■ CHARLES-TANGUY LE ROUX ■

Les sépultures mégalithiques et le phénomène campaniforme 385

■ LAURE SALANOVA ■

A ARTE DAS ANTIGAS SOCIEDADES CAMPONESAS

De que falamos quando falamos de arte? E de arte pré-histórica?
E de megalitismo? E de arte megalítica? Alguns breves tópicos
para uma reflexão sobre temas em que se impõe pormo-nos de
acordo sobre as nossas (possíveis e desejáveis) discordâncias 395

■ VÍTOR OLIVEIRA JORGE ■

Grañas y territorios en Extremadura 407

■ PRIMITIVA BUENO-RAMÍREZ ■ RODRIGO BALBÍN-BEHRMANN ■

Cosas fabulosas 449

■ SERGE CASSEN ■ JACOBO VAQUERO LASTRES ■

Debates. Crónicas breves de dois Colóquios 509

■ COORDENADOS POR VÍCTOR S. GONÇALVES ■

■ INTERVENÇÕES DE VÍCTOR S. GONÇALVES ■ JOÃO ZILHÃO ■ JOAQUINA SOARES ■

■ CARLOS TAVARES DA SILVA ■ ANTÓNIO MONGE SOARES ■ JOÃO LUÍS CARDOSO ■

■ ANA CRISTINA ARAÚJO ■ NUNO BICHO ■ MANUEL CALADO ■

Origens, espaços e contextos do Megalitismo

Muita gente, poucas antas?

Quando em 2000 se editou o volume “Muitas antas, pouca gente?”, que reunia a maior parte dos estudos apresentados ao 1.º *Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, houve quem achasse alguma graça ao título que, talvez por pouco académico, incomodou outros, os habituais bonzos e neo-bonzos de uma arqueologia mentalmente artrítica, para quem fazer ciência tem que ser obrigatoriamente enfadonho.

E no entanto não se tratava de um simples toque de humor, aligeirando uma coisa tão séria, se não mesmo monótona, como o megalitismo. Realmente, naquela altura, a medíocre execução de uma pessimamente planeada prospecção da área a inundar pela barragem de Alqueva, não permitia ainda corrigir uma imagem clássica: a de extensas planícies com muitos monumentos funerários, mas poucos lugares de povoamento. Parecia desta forma perdido um dos presumíveis resultados da maior (e pior...) mega-operação de prospecção e escavação de uma área relativamente restrita em Portugal. Fracasso com raiz numa incompetência pessoal e institucional que a história da arqueologia portuguesa há de julgar um dia.

Por várias vezes, nos últimos anos, tenho chamado a atenção para o facto de ser, por um lado, muito difícil conectar povoados a espaços da morte das antigas sociedades camponesas, e por outro ser inevitável não deixar de registar o número impressionante destas em confronto com a escassez dos habitats conhecidos. O que sempre levantou não poucos problemas e era sardonicamente referido no próprio título do volume anterior a este.

Mas, na realidade, a figura “Muitas antas, pouca gente?” era obviamente uma maneira irónica de sublinhar o desequilíbrio dos nossos conhecimentos e não uma forma de consagrar uma pseudo-realidade naturalmente impossível. O trabalho de prospecção que conduzi com Leonor Rocha e Manuel Calado na envolvência da Torre do Esporão e as recentes prospecções deste último na margem direita do Guadiana evidenciaram o que já todos suspeitávamos: o povoamento do Neolítico antigo e médio está representado por uma multidão de pequenos sítios. No Neolítico final, e naturalmente no Calcolítico, esta situação altera-se, surgindo na paisagem grandes povoados, presumíveis lugares centrais de redes de povoamento em contínuo contacto e interacção.

A estas duas situações correspondem naturalmente vestígios com impactos visuais muito distintos. Os grandes povoados têm uma visibilidade maior, não apenas por serem grandes, mas pela natureza das suas ruínas. Quanto aos povoados fortificados, a capacidade de retenção de terras das suas muralhas garante a preservação no terreno de notáveis massas de sedimentos que se destacam na paisagem e são facilmente identificáveis. O que não sucede com os acampamentos do Neolítico antigo e médio, cuja fraca densidade populacional e cuja ocupação, muito provavelmente sazonal, produziram escassos destroços, muito provavelmente biodegradáveis.

É assim devido a sistemáticos erros de prospecção que possuíamos uma imagem errada sobre a real extensão do povoamento.

No Centro e Sul de Portugal, a construção de monumentos megalíticos apenas parece ser própria do IV e do III milénios a.C.

Se para trás é quase inviável, a não ser por acaso ou em grutas, detectar as sepulturas do Neolítico antigo, não se pense que para o IV e III milénios a situação é mais simples para todos os enterramentos. Na realidade, o início das sepulturas colectivas construídas não deve ser anterior à transição do IV para o III milénio, altura em que se generaliza esse hábito tipicamente mediterrânico. Para trás deste período, há monumentos com um, dois, uma dezena de mortos, mas raríssimos são os que ultrapassam este último número, ele próprio já excepcional.

Para esta primeira fase, portanto, algo deve ter sido feito aos *outros* mortos, deixados em campa rasa, possivelmente assinalada por estruturas orgânicas que desapareceram. Mas a questão naturalmente insolúvel não é apenas esta, mas também saber quem eram os distinguidos por uma sepultura monumental. Chefe civil ou chefe religioso, ou as duas funções reunidas num só indivíduo, não é possível determiná-lo. Poderia, em alternativa, falar-se de enterramentos mono-familiares, ainda que esta expressão seja vaga e ambígua, uma vez que não fazemos a menor ideia se o conceito de família existiria sequer realmente.

Quanto aos monumentos do III milénio, quer se trate de monumentos expressamente construídos, como as grutas artificiais ou os *tholoi*, ou de reaproveitamentos de monumentos anteriores, a situação é completamente diversa. Com efeito, homens, mulheres e crianças compartilharam quer o espaço privilegiado disponível na primeira fase de utilização do *tholos* OP2b, quer o monumento reconstruído Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, e se mais exemplos não cito é por se tratar aqui, no caso do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz, dos únicos em que se recolheram restos antropológicos susceptíveis de elucidar esta questão. A mesma situação se verifica, aliás, no caso do hipogeu de Monte Canelas (Portimão).

Assim, a imagem hoje possível mostra diferentes tipos de povoamento, uns mais elusivos que outros. Mas também enterramentos que não deixaram rasto, outros de utilização limitada, e outros ainda que definitivamente correspondem a uma prática funerária colectiva.

Outros aspectos relacionados (em aparência exclusivamente) com o universo dos vivos incluem naturalmente a cíclica discussão em torno às pedras levantadas, ou *menires*, para simplificar.

Uma vez que nunca se verificou entre nós uma situação semelhante à etíope, tão bem descrita por Joussaume, os menires valem por eles sós, ou pela sua associação em grupos. Se neste último caso é perfeitamente aceitável a ideia de nos encontrarmos perante santuários, os menires isolados justificam a nossa atenção pela possibilidade de desfaseamento cronológico em relação àqueles. Parece-me que as estelas-menir, como a de Monte da Ribeira ou a da Belhoa, correspondem efectivamente aos últimos séculos do IV milénio, mas os menires em geral podem pertencer a uma época qualquer, desde o Neolítico antigo, como é o caso de alguns do Algarve, até à Idade do Ferro, como os de Tera, em Pavia.

Provavelmente, no caso dos menires isolados do Neolítico final, estamos perante formas de assinalar a posse efectiva da terra, marcando talvez fronteiras. E, como já escrevi, a estela-menir do Monte da Ribeira poderia efectivamente assinalar uma área de fronteira para o povoado dos Perdigões. Mas em relação a povoados como o Monte Novo dos Albardeiros ou o Castelo do Azinhalinho nunca se encontrou um qualquer marco territorial, talvez pela razão do início destes povoados ter tido lugar já na transição do IV para o III milénio, no que seria uma segunda fase dos Perdigões.

De qualquer forma, signifiquem o que significarem os menires, e certamente coisas diferentes significaram em diferentes momentos da diacronia, os símbolos ocultos gravados na base de alguns deles mostram bem a intenção de os fazerem funcionar como comunicadores entre os diversos mundos. Não sei se seriam *axis mundi*, como o poste que os Achilpa transportavam consigo (neste caso, um verdadeiro menir móvel) ou marcas de ter-

ritorialidade expressa, como os padrões que os portugueses erguiam em África. Mas a discussão está agora a recomeçar e, após anos de marasmo conservador, os trabalhos de Manuel Calado vêm reavivar o debate.

Portanto, e na verdade, muita gente e poucas antas...

O 2.º Colóquio Internacional sobre Megalitismo

Os Colóquios Internacionais de Megalitismo, se começam efectivamente em 1997, têm as suas origens em 1985, quando assumi publicamente o compromisso de rever as antas de Reguengos de Monsaraz, organizar pelo menos uma reunião internacional sobre megalitismo e preparar uma estrutura museológica local.

O primeiro compromisso foi integralmente cumprido e a sua prossecução continua, apesar de tudo. Dois livros publicados, dois estudos monográficos em curso de execução e um balanço efectivo de publicações, por vezes várias por ano, referentes a 1988, 1989, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1997, 1999, 2000, 2001, 2002...

O segundo compromisso começou...em Cascais. Com efeito, devido a dificuldades conjunturais, os dois Colóquios “Transformação e Mudança” tiveram lugar em 1993 e 1995 na autarquia ribeirinha, no limite ocidental da Península de Lisboa. Mas Reguengos de Monsaraz esteve presente em ambos e a questão do seu megalitismo foi longamente discutida. No 1.º Colóquio de Cascais contámos exclusivamente com o apoio autárquico, mas para a organização do 2.º, foi decisiva a colaboração do Serviço de Ciência da Fundação Gulbenkian, a cujo Director, João Caraça, se deve precioso apoio a nível da subvenção que permitiu o alojamento dos investigadores convidados e do seu próprio transporte. Em ambos Colóquios, a intervenção de António Carvalho, Director do SHIU (o lendário “Serviço de História e Informação da UNIARQ”) e actual Director do Departamento de Cultura da Câmara de Cascais, foi fundamental.

Quanto ao terceiro compromisso, por razões (se assim lhes podemos chamar) que me são completamente alheias, entrou num campo de execução de que fui cuidadosamente excluído. Mas o tempo, mesmo o que é por natureza curto, alonga-se extremamente no Alentejo e não é inviável que o curso dos rios, contido por



FIG. 1 — o autocolante editado pela UNIARQ a propósito dos Colóquios Transformação e Mudança.



FIG. 2 — Autocolante e cartaz do 1.º Colóquio. Feito artesanalmente, a partir de um desenho de Ilídio Tavares dos Santos.



FIG. 3 — Autocolante do 2.º Colóquio. Design Artlândia.

barragens absurdas ou desviado crapulosamente do seu curso de origem, venha a correr como outrora. Como se sabe, nada dura sempre (só que por vezes os erros levam demasiado tempo a ser reparados).

Assim, de 4 a 6 de Outubro de 1996 correu em Reguengos de Monsaraz o 1.º Colóquio Internacional de Megalitismo e ao Presidente da autarquia, Vítor Martelo, se deve também o apoio incondicional que permitiria a meticulosa execução local da operação e a posterior edição e difusão do volume das Actas. Mais uma vez o registamos.

O 2.º Colóquio decorreu de 3 a 7 de Maio de 2000, em Monsaraz, como anunciado.

O Colóquio começou com duas curtas homenagens, uma a um morto recente, Jean l’Helgouach, um bretão irreduzível que muito contribuiu para a investigação do megalitismo atlântico. Jean l’Helgouach publicou numerosos textos, de sua única responsabilidade ou em colaboração. Um deles, assinado com Briard e Giot, foi um dos livros que melhor divulgou a arqueologia da Bretanha. Publicado na célebre colecção de Glyn Daniel, *Ancient Peoples and Places*, marcou profundamente a investigação subsequente. Um dos títulos que publicou, de sua exclusiva responsabilidade, visava explicar a destruição das grandes este-las-menir bretãs, um texto quase profético, que as investigações de Charles-Tanguy Le Roux confirmariam.

Outra homenagem foi prestada a um (felizmente vivo) bom amigo, Charles-Tanguy Le Roux, que viu finalmente editada a sua tese de doutoramento sobre petrografia conectada ao megalitismo. Presente nos Colóquios “Transformação e Mudança” e nos dois Colóquios de Reguengos de Monsaraz, o investigador dessa obra-prima da arte mundial que é Gavrinis, recebeu uma medalha de colecção da autarquia.

O início dos trabalhos, a sua metodologia e pequenas alterações ao programa editorial podem ser rapidamente comentados.

Suprimiram-se as intervenções feitas logo a seguir às comunicações, por se considerar o seu interesse pouco relevante para as mesmas (algumas diziam mesmo respeito a temas completamente diversos). Abriu-se, no entanto, uma excepção ao comentário feito por mim próprio à comunicação do Prof. Oliveira Jorge, Com efeito, o tom extremamente violento e subjectivo com que foi pronunciada (tão raro nas intervenções públicas daquele investigador) e a perspectiva crítica direccionada de parte do seu conteúdo, exigiam que tivesse lugar o direito de resposta, logo exercido, e para o qual não houve seguimento.



FIG. 4 — A abertura do 2º Colóquio. Da esquerda para direita, o então Subdirector do Instituto Português de Arqueologia, António Monge Soares, O Presidente da autarquia, Vítor Martelo, o Director da UNIARQ, Victor S. Gonçalves.



FIGS. 5/6 — Sessões do Colóquio.



FIG. 7 — Mariana Diniz apresentando a sua comunicação.

Encerra-se assim este incidente, ainda que a discussão em torno à Revolução dos Produtos Secundários como conceito operativo possa, evidentemente, continuar noutras oportunidades e lugares.

Uma comunicação sobre a Cabranosa, da responsabilidade de João Luís Cardoso e A. Faustino de Carvalho, originalmente destinada ao debate previsto para o encerramento, acabou por ser tratada como uma comunicação e colocada na respectiva unidade temática.

Textos não entregues não puderam evidentemente ser publicados e lamentamos sinceramente a ausência da intervenção que teve como objecto a arte “neolítica” do Côa, tendo sido vão todos os esforços no sentido de obter o seu texto.

Finalmente, os debates. Os autores ajustaram o texto que previamente eu próprio tinha tratado sintacticamente, mas não alteraram de forma alguma a sua essência. Alguns pormenores de um debate ao vivo sobreviveram às correcções de estilo, como deve aliás ser a filosofia nestas situações. Na transcrição inicial, o trabalho coube a Ana Catarina Sousa, com a colaboração de Mariana Diniz e Leonor Rocha para a *wordização* das transcrições. Foi ainda Ana Catarina Sousa quem acompanhou todo o processo de preparação dos textos para edição, tendo mesmo redigido alguns resumos que os autores não tinham enviado com as



FIG.8 — Charles-Tanguy Le Roux.



FIG.9 — Intervenção de Laure Salanova.

versões definitivas dos textos. E foi curioso verificar como todos aceitaram a exactidão de esta leitura externa, o que só louva o excelente trabalho da referida investigadora.

A terminar, o 3.º Colóquio...

Parece que muitos investigadores europeus apreciaram a informalidade pouco académica das reuniões de Monsaraz e ultimamente têm insistido na realização de uma terceira (por mim, talvez a última...). Novos dados têm vindo a ser tratados desde o 2.º Colóquio, particularmente nos casos da Anta 2 do Olival da Pega, da Anta 2 dos Cebolinhos e das Antas da Herdade de Santa Margarida. E, naturalmente, um pouco por toda a Europa. Não vejo assim razão para que em 2003 não tenha lugar o 3.º Colóquio, sendo agora uma questão a resolver com a autarquia (que tem financiado a logística do evento) e eventualmente a entidade de tutela (que tem garantido a edição dos volumes que reúnem os textos a publicar). Apesar de tudo.

Maus tempos estes, em que os pavões de vocação institucional abrem a cauda junto ao que supõem ser o poder do futuro. E talvez tenham razão, ao actuarem pragmaticamente assim: os medíocres traficantes do capital humano precisam de apoios institucionais, para que o vazio do seu pensamento não repercuta a baixeza dos seus propósitos.

Que o tempo nos seja favorável, a investigação lenta e a publicação rápida...

Primavera de 2002

